

A BANDA DE MÚSICA: UMA REFLEXÃO SOBRE SUA HISTÓRIA E PRINCÍPIOS EDUCACIONAIS

Ricardo Ferreira Lepre¹
Celso Rodrigues Benedito²

¹FAMES - ricardotrompa@hotmail.com

²UFBA - benedito.celso@gmail.com.

Resumo

Neste trabalho, buscaremos apresentar a importância das bandas de música para a sociedade e para o meio acadêmico. Ao traçarmos seu contexto histórico a partir da colonização do Brasil, procuraremos entender as variadas utilizações das bandas e sua importância na aprendizagem musical dos alunos através dos mestres de banda. E por fim, uma reflexão sobre a metodologia do ensino coletivo em banda.

Palavras-chave: Banda de música, Ensino, Metodologia.

Abstract

In this work, we will seek to present the importance of music bands to society and academy. Tracing its historical context from the Brazil's colonization, we seek to understand the diverse uses of the bands and their importance in the student's music learning through the band masters. And finally, a reflection on the methodology of collective teaching in a band.

Keywords: Music, Band, Teaching, Methodology.

Introdução

Neste trabalho, buscamos descrever através de um levantamento histórico a partir da colonização, a origem das bandas no Brasil. Procuramos delinear sobre seus mestres - grandes professores e educadores - responsáveis pelo ensino musical de seus integrantes.

Muitos desses professores criam suas próprias didáticas, com um único intuito: formar músicos para tocar em sua corporação. Seus componentes a consideram sua "segunda casa". Desenvolvem disciplina, responsabilidade, respeito um com o outro e sua auto-estima.

Estas corporações estão presentes no cotidiano de todos nós. Sejam em desfiles cívicos, festas religiosas ou em retretas nos coretos de nossas cidades. Assim apontamos a necessidade de sua preservação e manutenção, bem como sua importância no meio social na qual esta inserida.

Nestas agremiações, a diversidade de instrumentos é notória, cada instrumento possui sua particularidade no ato do aprendizado. Dessa forma, discorreremos sobre o ensino coletivo, uma proposta que auxilia o mestre na preparação de seus músicos.

Dessa maneira, esperamos que com este trabalho, possamos, a partir da história das bandas, colaborar para uma melhor compreensão destas corporações. Destacaremos a importância do mestre, bem como a importância deste segmento musical para sociedade, tanto no aspecto social como no educacional, oportunizando para crianças, jovens e adultos a liberdade de criação e socialização através da música.

As bandas de música no Brasil.

Registros históricos mostram que grupos musicais começaram a surgir desde a descoberta do Brasil com a vinda dos jesuítas que buscavam através da educação musical catequizar os índios.

A chegada de negros que vinham da África para trabalhos nos engenhos contribuiu para a criação de diversos grupos musicais patrocinados pelos senhores das fazendas. Os músicos escravos tinham um tratamento diferenciado equiparado ao dado aos criados de raça branca. A educação musical ficava por conta dos mestres de capela. Manter um grupo composto por escravos gerava para os fazendeiros perda

da mão de obra nos engenhos, mas evitava o gasto com músicos profissionais, como descreve Binder

Entre os gastos inevitáveis estavam a compra e a manutenção de instrumentos, fardamento e acessórios musicais - palhetas e bocais - além do pagamento de um mestre para ensinar, arranjar e ensaiar a música. Por um lado, o uso de escravos dispensava gastos com a contratação de músicos profissionais, porém gerava perdas na produtividade das fazendas, na medida em que desviava braços das tarefas agrícolas (BINDER, 2006, p.67).

Música em Minas Gerais

Minas Gerais por conta da riqueza extraída do ouro e do diamante atraiu diversos músicos que vieram de grande parte do nordeste da Bahia e Pernambuco. (MARIZ, 2000).

Os músicos estavam organizados em imandades, que forneciam música para as igrejas ou prefeituras mediante contratos. O ensino de música acontecia nas casas destes diretores ou compositores "Eram verdadeiros conservatórios, onde viviam, os alunos se alimentavam e recebiam aulas de música, latim e outras matérias essenciais" (MARIZ, 2000, p.40). Os instrumentos utilizados eram: baixo, violino, violoncelo, viola, clarim, fagote, oboé, trompa e clarinete.

(...) além de instrumentistas de sopro e percussão, estes conjuntos também contavam com cantores e instrumentistas de corda. Isso permitia a tais grupos se apresentarem em teatros, igrejas e nas ruas, com o instrumental adequado a cada um destes ambientes. (BINDER, 2006, p. 43)

O declínio da exploração do ouro em Minas Gerais por volta de 1790 fez com que os músicos procurassem novos centros, chegando ao Rio de Janeiro, que apresentava uma vida modesta "musicalmente falando", e que só iria se fortalecer com a chegada de D. João VI em 1808.

Chegada de D. João VI

Com a vinda de D. João VI o cenário musical mudou. O decreto de 27 de março de 1810 instituiu que cada regimento militar da corte poderia contar com 12 a 16 músicos de sopros³². Em 1813 uma portaria garantiu aos músicos militares uma

32 Um flautim, uma requinta, três clarinetes (dois primeiros e um segundo), duas trompas, um

vida profissional, com remuneração e sem gastos com suas fardas

Pela primeira vez, os músicos militares eram remunerados pela sua carreira de músicos. "(...) foi determinado aos músicos, que tivessem praça assente nos regimentos, que versessem 200 réis e o mestre 300 réis diários, com direito a pão, etapa e fardamento (...) e quanto aos instrumentos, tinham de os entregar quando findassem os contratos (Russo apud Lapa, 1941:8-9).

Pereira (1999) em seu trabalho comenta que muitos mestres de capela assumiram o cargo de maestro de banda militar. Pode-se dizer que isto ocorreu pelo fato dos músicos e mestres encontrarem neste meio uma fonte de renda.

As bandas militares contribuíram para a valorização da profissão de músico – e tocar significava deixar de pagar a contribuição – porque, enquanto nos regimentos de 1ª linha a "sustentação" da música ficava a cargo dos oficiais, na Banda da Guarda Nacional, as despesas com a banda eram cobertas pelas contribuições dos componentes da corporação (PEREIRA, 1999, p.46).

Assim, estes grupos musicais começam a interagir com a sociedade participando de solenidades e outros eventos. Paralelo aos decretos e atividades musicais pelos militares persistiam as bandas de escravos nas fazendas de engenho, que também tinham grandes repercussões e perduraram até final do século XIX com a abolição e decadência das fazendas por conta do desenvolvimento das cidades.

No decorrer do século XIX ocorreram a abolição da escravatura e o fim das bandas de fazenda, levando fazendeiros a se aliar a comerciantes e pessoas da sociedade com o intuito de formarem sociedades civis para manter as bandas de música. Muitas das bandas que nasceram naquele período são hoje centenárias e merecem ser destacadas. (ALVES, 2010, p.25)

Surgindo assim diversas mantenedoras destes grupos variando sua denominação: Sociedade Musical; Clube Recreativo; Grêmio; Lira; Euterpe; Corporação; Operária entre outras.

Estes grupos musicais muito atuantes até os dias de hoje instigaram o surgimento de tantos outros e acabam sendo os responsáveis em muitas cidades pela formação musical de muitos jovens, que, em muitos casos, acabam sendo também a única fonte de entretenimento.

Nas cidades do interior, onde não existem conservatórios ou escolas de música, as bandas funcionam como centros formadores de músicos, sendo ainda responsáveis pela formação da maioria dos músicos das Bandas Militares e Orquestras Sinfônicas do país. (COSTA, 2009, p.23)

clarim, um trombone ou serpente, um fagote, uma caixa de rufo e um bumbô, com 12 integrantes ao total (BINDER, 2006).

O mestre educador

Nas bandas de música, a educação musical muitas vezes fica a cargo do regente, que, sozinho, precisa desenvolver o hábito mesmo que “superficial” de tocar e conhecer todos os instrumentos. Dessa forma, acaba organizando suas próprias metodologias e assim atendendo individualmente as necessidades de cada aluno. Estas corporações não realizam um padrão de ensino como se vêem em escolas profissionais, seus condutores priorizam a educação na individualidade de cada aluno, buscando um método no qual o aprendiz possa ser inserido o mais rápido possível na banda. Muitos aplicam a prática juntamente com a teoria e a convivência com os alunos mais velhos os estimulam no aprendizado.

Nas corporações o papel de regente vai além dos ensinamentos musicais. O mestre acaba se tornando referência de pessoa para os mais jovens. Em muitos casos esta convivência acaba tornando a banda sua segunda casa, e seu mestre um segundo pai, além de conselheiro, psicólogo e amigo³³.

Estes mestres tão respeitados em suas corporações geralmente não possuem uma formação acadêmica. Seus conhecimentos muitas vezes são adquiridos de forma autodidata. Para Alves

Normalmente reconhecido como o regente ou maestro da banda, a principal função do mestre de banda escolar, a nosso ver, deve ser a de educar musicalmente. E a atividade de educar merece uma atenção individualizada, uma vez que parte destes mestres não teve em sua preparação, geralmente “hereditária,” acesso a um embasamento teórico que possibilitasse um trabalho consciente de desenvolvimento musical (ALVES, 2010, p.5).

Costa descreve a importância do professor “regente” enquanto detentor da informação e a responsabilidade de saber transmiti-la. Tornar o aluno pensante é outra função que exerce o mestre em seus ensinamentos

Ao desenvolver um estudo onde o aluno passa a ser meramente pensante, acredita-se não haver condições de assimilar a matéria se o professor não relatar todas as explicações necessárias para o desenvolvimento da mesma. É importante entender e aceitar o professor como aquele que coordena e indica a busca de soluções para as questões e dúvidas. O professor é, assim, o transmissor dos conteúdos inerentes ao processo ensino/aprendizagem. (COSTA, 2009, p. 31).

33 O mestre é um modelo (tem que ser) de músico e amigo, animador cultural e cidadão engajado. Sua vida é um exemplo para os mais jovens. E o exemplo é sua principal ferramenta como educador. (HIGINO apud BENEDITO, 2009, P. 45).

Preservação e contribuição

Aspecto fundamental também se encontra na preservação e manutenção destes grupos que muitas vezes são solicitados por diversos segmentos para os mais variados eventos, mas não recebem apoio nos quesitos mais básicos para sua existência. Quando se tem a oportunidade de conversar com os responsáveis que estão a frente destas corporações percebe-se a dificuldade que passam para colocá-la em funcionamento. Estas corporações geralmente possuem três famílias de instrumentos – Metais³⁴, madeiras³⁵ e percussão³⁶. Cada família de instrumentos possui suas particularidades e manutenções específicas. Nos metais, necessitam de óleos e graxas. Madeiras palhetas, calços e sapatilhas. Percussão, baquetas, peles e correias. Estes materiais conhecidos como bens não duráveis, geram um custo elevado que em muitas corporações não dispunham destes recursos financeiros. Algumas bandas conseguem adquirir este material utilizando das tradicionais rifas, ou de doações de admiradores.

Estas questões são reforçadas com Alves quando aponta como a banda é vista pela sociedade “é importante salientar que a banda de música sempre foi vista no Brasil como uma atividade musical de entretenimento do povo” (LÉLIO, 2010 p. 15). Assim ficando a cargo de seus integrantes o investimento para sua sobrevivência.

As bandas de música cívica são consideradas, pela maioria de seus integrantes, como uma extensão familiar. Estes demonstram verdadeira paixão, dedicando-se arduamente à manutenção destas instituições, que são exemplos de luta e amor à música. (BENEDITO, 2009, p. 43)

Sobre a manutenção destas corporações, referentes à capacitação, renovação instrumental e parcerias entre escolas públicas e as filarmônicas Benedito afirma:

Capacitar estas instituições de ensino, muitas delas declaradas como de utilidade pública, com possíveis sugestões de ensino-aprendizagem no conceito de formação pedagógica, além de isenção de impostos na aquisição de instrumentos novos junto às indústrias nacionais, seria de vital importância para uma longevidade saudável da música e educação em nosso país. Uma proposta de trabalho conjunto entre a escola pública e as filarmônicas contribuiria para uma expansão bilateral. Promoveria uma colaboração “vida e escola” onde educação, cidadania e promoção social caminhariam juntas. (BENEDITO, 2005, p. 7)

-
- 34 Trompetes, Trombones, Trompas, Bombardinos e Tubas.
35 Saxofones, Clarinetas, Flautas, Oboés e Fagotes.
36 Bumbos, Pratos, Caixas e Teclados.

Assim acreditamos que parcerias entre estados e municípios poderiam colaborar para a preservação destes grupos. Relevante observar que estes instrumentos passam por desgaste natural com o passar dos tempos. Dessa forma, distribuições de quites de manutenções, cursos de capacitação para mestres e alunos, auxiliariam incontestavelmente no cotidiano das corporações.

Relevância das corporações nas escolas

Em muitas cidades as bandas estão ligadas às escolas e na maioria dos casos nas de ensino médio. Nestes casos acaba se tornando um apoio ao aprendizado intelectual do aluno. Muitos que nelas participam melhoram suas atuações em sala de aula bem como seus comportamentos. Benedito distingue em seu trabalho como estas corporações são essenciais ao meio em que se insere

As bandas de música civil desempenham, em suas sedes, a função de centros de formação e integração sócio musical; apesar disso, sempre foram deixadas à margem de qualquer menção nos projetos de Educação Musical instituídos no país. A faixa etária da maioria dos estudantes que ingressam nas filarmônicas corresponde a do ensino fundamental. (BENEDITO, 2011, p. 3)

Acreditamos que a aprovação da lei 11.769 de 2008, que institui a partir de 2011 o ensino da música nas escolas, a banda de música possa ser uma aliada nestas escolas. Unir a educação musical nas escolas com estas corporações pode auxiliar no desenvolvimento de seus alunos bem como no trabalho de seus professores.

Barbosa (1996) traz algumas reflexões sobre a educação instrumental na escola primária e aponta algumas ações para a formação do professor, ciente de tentativas já apresentada como o ensino da música vocal por Villa-Lobos

Apesar dos esforços de vários educadores, incluindo o de Villa-Lobos através da música vocal, a educação musical não tem recebido o seu devido valor na educação geral dos alunos brasileiros até o dia de hoje. Se esta negligência está presente em relação à educação musical através da música vocal, quanta maior será a dificuldade em relação à Educação Musical através da música instrumental; considerando que o custo da última é mais elevado e sua viabilização exige pessoas com qualificações mais raras. (BARBOSA, 1996, p. 39)

Ensino coletivo

Barbosa, (1996) descreve meios que possa viabilizar o aprendizado e

despertar o interesse dos alunos através do ensino coletivo dividindo em três fases, onde um professor pode lecionar uma classe com trinta alunos:

De um modo geral, na primeira fase o aluno exercita os princípios básicos de produção de som, trabalha um repertório fácil e aprende divisões musicais simples. Na segunda fase ele aprende notas dos outros registros, trabalha um repertório mais difícil. E na terceira fase há uma complementação do trabalho das fases anteriores, porém concentrando-se em um repertório de formas, estilos e gêneros mais variados, ritmicamente mais complexos, e mais exigentes das habilidades de se tocar em conjunto (BARBOSA, 1996, p. 40).

O ensino coletivo faz com que o aluno se sinta parte de um grupo, no qual, os que apresentam dificuldade de aprendizagem não se sintam excluídos e gerando uma competição saudável para o desenvolvimento (BARBOSA, 1996).

Dessa forma afirma que deveria se criar formações de professores a nível de terceiro grau, com habilitação em música através de matérias optativas que preparariam os alunos para trabalharem no ensino coletivo

Para receber a habilitação e especialização seria necessária apenas que o aluno interessado completasse seu currículo com as disciplinas que ele não tenha cursado na sua área principal de estudo. As habilitações e especializações poderiam ser para ensinar instrumentos de banda (sopro e percussão) ou de orquestra de cordas. Considerando a proposta acima, a habilitação e especialização em orquestra de cordas não incluiria as disciplinas de sopro e percussão e em instrumentos de banda, as disciplinas de cordas. (BARBOSA, 1996, p. 46).

Conclusão

Este breve estudo nos faz refletir como as bandas de música, sejam elas civis ou militares, são importantes e fazem parte da história da sociedade. Estes grupos que tanto fazem pelo ensino da música merecem e devem ser tratados como um patrimônio. Em muito contribuem as bandas na formação social dos jovens que nela participam ou participaram. Muitos, que nela produziram suas primeiras notas, se tornaram profissionais e guardam com carinho e boas recordações a convivência vivida. Sabemos das dificuldades que muitas bandas sofrem por conta do descaso e desrespeito. Acreditamos que com a lei federal nº 11.769, de 18 de agosto de 2008, que passou a ser aplicada a partir de 2011, esta realidade possa mudar. Isso também se confirma através de trabalhos acadêmicos e propostas de ensino que vem sendo produzido nos últimos anos. Dessa forma esperamos que este breve estudo possa auxiliar e instigar não só pesquisador, mas também os amantes desta arte

musical a compreender sua origem e ações que vêm sendo tomadas para o não desaparecimento destes grupos.

Referências

BARBOSA, Joel Luiz da Silva. **Considerando a Viabilidade de Inserir Música Instrumental no Ensino de Primeiro Grau**. Revista da Associação Brasileira de Educação Musical, Salvador, n. 3 p. 39-49, 1996.

BENEDITO, Celso José Rodrigues. **O mestre de Filarmônica da Bahia: um educador musical**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Música da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2011.

BENEDITO, Celso. **História e didática nas Filarmônicas**. Salvador, 2009.

BENEDITO, Celso José Rodrigues. **Tem gato na tuba, com trato do mestre. Educação de fato e com tato nas bandas de música. A prática musical como fator de mobilidade e inclusão social**. Salvador, 2005

BINDER, Fernando Pereira. **Bandas Militares no Brasil: difusão e organização entre 1808-1889**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação UNESP. São Paulo, 2006.

COSTA, Maurício Paulo Soares da. **Metodologias de Ensino e Repertório das Filarmônicas de Valpaços**. Dissertação de Mestrado. Departamento de comunicação e Artes da Universidade de Aveiro. Aveiro, 2009.

GONÇALVES, Marcelo Trevisan. **Projeto Bandas nas Escolas do Espírito Santo**. Vitória, 2011.

MARIZ, Vasco. **História da Música no Brasil**. 5ª Edição. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 2000.

PEREIRA, José Antonio. **A Banda de Música: retratos sonoros brasileiros**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação, Instituto de Artes Universidade Paulista. São Paulo, 1999.

RUSSO, Susana Bilou. **As Bandas Filarmônicas Enquanto Patrimônio: um estudo de caso no concelho de Évora**. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da empresa ISCTE. Évora – Portugal, 2007.

SILVA, Lélío Eduardo Alves. **Musicalização através da Banda de Música Escolar: uma proposta de metodologia de ensaio fundamentada na análise do desenvolvimento musical dos seus integrantes e na observação da atuação dos "mestres de banda"**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro UNIRIO. Rio de Janeiro, 2010.